

ANÁLISES E PREPOSIÇÕES:- A RELAÇÃO TRABALHO/ESCOLA NA PROPOSTA EDUCACIONAL DE JUSCELINO KUBITSCHKEK

Denise de Amorim Ramos¹

Faculdade Cenecista de Campo Largo (FACECLA)
deramos20@gmail.com

RESUMO

O presente texto Análise e preposições:- a relação trabalho/escola na proposta educacional do governo de Juscelino Kubitschek, busca refletir e criticar a luz de um referencial teórico, centrado nas idéias de Marx e Gramsci, a concepção trabalho/escola contida na proposta educacional do governo de Juscelino Kubitschek, nos anos de 1956-61. A política educacional nesses anos deixou claro que para expandir a produção e crescimento da economia brasileira seria necessário uma política educacional que priorizasse a formação de capital humano. Dessa forma, a concepção trabalho /escola foi fundamentada, principalmente, na teoria do Capital Humano de Theodoro Schultz.

Palavras-chave: educação, trabalho, desenvolvimento econômico

INTRODUÇÃO

A política do governo de Juscelino Kubitschek no período (1956 - 1961) foi construída com base nos pressupostos que o crescimento econômico podia ser encaminhado com o desenvolvimento da produção industrial. Portanto, propôs realizar em seu governo a reestruturação do desenvolvimento industrial e capitalista.

¹ Mestre em Educação- área Fundamentos da Educação, Universidade Federal de São Carlos -UFSCar – SP. Coordenadora do curso de Pedagogia - Faculdade Cenecista de Campo Largo –FACECLA - PR Prof^a de História da Educação Brasileira – FACECLA-PR

Para o Presidente Kubitschek era fundamental oferecer condições necessárias para o crescimento industrial tomar rumos vultuosos e, assim, o país sai da situação de subdesenvolvimento. Nesse processo, a educação foi colocada como elemento chave para promover o crescimento industrial capitalista

Dessa forma, o governo de Juscelino Kubitschek direcionou sua reforma educacional baseando-se na política de formação de recursos humanos para atender as necessidades da produção; ou seja, indivíduos aptos a desempenhar atividades nos quadros da produção, com formação técnico-profissional.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS: RELAÇÃO TRABALHO/ESCOLA

A educação como fator de desenvolvimento e, conseqüentemente, vinculada à concepção de preparação de recursos humanos foi estruturada após a 2ª Guerra Mundial, no contexto das teorias do desenvolvimento, ou seja, da ideologia desenvolvimentista. Os fundamentos teóricos da proposta educacional de Juscelino Kubitschek enquadravam-se nestas teorias; por isso, a sua política educacional determinou como extrema importância a formação do capital humano para expandir a produção e crescimento da economia brasileira.

FRIGOTO nos esclarece que :

“(...) a teoria do capital humano vai erigir seu corpus de postulados e vai apresentar como sendo um dos fatores explicativos do desenvolvimento, da modernização. O desenvolvimento da idéia de capital humano nos países latino-americanos segue rigorosamente a trajetória das relações imperialistas que vão se dar no âmbito econômico, político e social.”²

²FRIGOTTO. A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e

Theodoro Schutz nos seus primeiros trabalhos realizados em 1956-57 fundamentou-se justamente nas teorias de desenvolvimento. Schultz procurou compreender quais fatores implicavam no aumento da produtividade.

Nesse sentido, a idéia de vincular a educação ao desenvolvimento econômico levava a crer que os investimentos em uma nação, no indivíduo em formação escolar vem trazer retornos futuros, ou seja, traz o aumento da produtividade.

Para a teoria do capital humano, educação e treinamento “potencializam trabalho e, enquanto tal, constituem num investimento social ou individual igual ou superior ao capital físico.”³

Porém, as idéias de Theodoro Schutz trazem uma vinculação estreita com as relações de produção. A teoria do capital humano procura explicar as conexões entre processos que se dão na esfera educacional e processos que ocorrem na sociedade em geral. Dessa forma, essa teoria vai focalizar as instituições educacionais como distribuidora de conhecimento. Entretanto, não explica as bases e determinações materiais contraditórias encontradas no processo de produção do sistema capitalistas. Todavia, no modo de produção capitalista o trabalho está sob uma divisão técnica que implica ao homem ações repetitivas e fragmentadas; conseqüentemente, leva o homem ao desconhecimento do processo de trabalho na sua totalidade.

Na opinião de Kosik a problemática do trabalho deve ser concebida a partir da investigação filosófica. Pois, a filosofia do trabalho é que nos traz o verdadeiro sentido do trabalho, ou seja, o trabalho na sua essência e generalidade.

A filosofia aborda o que é trabalho acompanhado da questão o que é

estrutura econômica-social e capitalista, p.125.

³ Cf. FRIGOTTO. A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômica-social e capitalista, p.136.

homem. A ligação entre essas questões – o que é trabalho e o que é homem - pode-se iniciar a investigação científica do trabalho em todas as suas formas e manifestações, bem como a investigação da realidade humana em todas as suas formas e manifestações.⁴ O trabalho é uma ação ou processo que traz mudanças ao homem e ao ser e, nesse sentido, está o interesse filosófico no esclarecimento desse processo e dessa ação.

O trabalho é considerado a base e a mediação através do qual o homem transforma o mundo que o rodeia, humanizando-o. No trabalho o homem faz a si mesmo e sua história, adapta a natureza, transformando-a e, constrói o mundo em que vive num processo de autotransformação.

Marx ressaltou essa compreensão de trabalho, mas afirmou que o trabalho enquanto atividade própria do homem – e não qualquer atividade –, recebeu característica de acordo com as condições históricas e sociais.

Assim, Marx questionou o sentido do trabalho no modo de produção capitalista, pois, essa realização de trabalho está sob uma divisão técnica, implicando ao homem ações repetitivas e fragmentadas trazendo, conseqüentemente, o desconhecimento do processo de trabalho na sua totalidade. Trabalho estranho e alienado que traz o empobrecimento e a miséria absoluta. Trabalho que está sob expressão negativa, coisa ruim e alienante, que degenera e deforma o homem, transformando-o assim num ser unilateral.

Portanto, Marx propôs resgatar o verdadeiro sentido do trabalho, como atividade que possibilita a riqueza universal, atividade humanizadora, capaz de ser teórica e prática, ativa e reflexiva ao mesmo tempo. Dessa forma, Marx partiu da divisão social do trabalho e seus efeitos ao homem para a concepção de educação e ensino.

⁴ Cf. KOSÍK. Dialética do Concreto, p.177-179.

O trabalho, deve ser considerado e compreendido, segundo Marx, antes de qualquer estrutura social determinada. Dessa forma procurou esclarecer que:

“(...) o trabalho é um processo que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais do seu corpo, braços e pernas, cabeça e mão, afim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil a vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando ao mesmo tempo a sua própria natureza.”⁵

Nesse entendimento, o trabalho cria as condições de existência dos homens, pois, ao modificar a natureza e a si o homem estabelece relações com os outros homens produzindo a sua sobrevivência. Nesse processo, o homem também desenvolve as suas habilidades, imagina, pensa, reflete e atua. Portanto, o homem projeta a sua ação e conhece todas as etapas do seu trabalho. Nessas condições o papel da consciência torna-se fundamental.

A capacidade de concepção como forma exclusivamente humana de trabalho ficou evidenciada nas seguintes palavras de Marx:

“(...) o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade no do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera, ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar a sua vontade.”⁶

Portanto, os argumentos construídos por Marx, demonstram que o trabalho é uma manifestação essencialmente humana, possuindo no seu interior a dimensão, de forma interligada, da concepção e da execução.

⁵ MARX. O capital: crítica da economia política, p.202.

⁶ MARX. O capital: crítica da economia política, p.202.

Para a realização do trabalho o homem age e pensa simultaneamente. Dessa forma, a atividade intelectual e a atividade prática não se excluem. Pois, na relação homem-trabalho-natureza demonstra-se também a atividade prática – entendendo assim as duas dimensões do processo de trabalho – como base do conhecimento e da conscientização.

“O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência.”⁷

Portanto, o trabalho enquanto produção concreta da existência é elemento constitutivo do processo de elaboração do conhecimento, e nesse sentido, torna-se princípio educativo.

A concepção de Marx sobre o trabalho como princípio educativo, ou a questão da associação de trabalho e instrução, baseou-se na concepção dialética do trabalho. Pois, partiu das contradições do sistema capitalista e divisão social do trabalho para esclarecer a questão da educação e suas manifestações para a estruturação do ensino.

A tese do trabalho como princípio educativo também foi defendida por Gramsci. Porém as análises de ambos os pensadores Marx e Gramsci foram realizadas em momento histórico e social diferenciado. Todavia, implica-se saber trazer para o momento atual as contribuições destes pensadores.

Marx buscou analisar a questão do trabalho e sua associação com o ensino a partir do processo de trabalho e as conseqüências ao trabalhador no modo de produção capitalista, no século passado. Para este pensador era necessária a superação das condições estruturais estabelecidas pela divisão

⁷ MARX. Prefácio à Contribuição da Economia Política. In: Marx e Engels. Obras Escolhidas, p.301.

social do trabalho, separação das atividades manuais e intelectuais e, assim a perda pelo trabalhador do processo de produzir, acentuado com a entrada das máquinas na produção.

A relação do trabalho e ensino para Marx, foi compreendida no interior do processo de trabalho na fábrica. No seu pensamento o ensino politécnico destacou como condição para o desenvolvimento total das possibilidades humanas: ensino que traz ao homem o desenvolvimento intelectual, físico e a formação científica e tecnológica.

Todavia, Gramsci buscou para as suas análises a respeito do trabalho, da escola e do Estado, momento que a sociedade industrial estava bem mais avançada e desenvolvida. Gramsci concebeu o trabalho de caráter especificamente moderno, evoluído tecnicamente, mais produtivo e mais humano. Em Gramsci a relação trabalho-ensino foi analisada no próprio processo de ensino independente, colocando a necessidade de desenvolver a capacidade de trabalho industrialmente, num processo que a escola se estrutura com a fábrica e dela está independente.

Dessa forma, Gramsci veio trazer o refinamento da compreensão do trabalho e do ensino em relação às questões levantadas por Marx.

Gramsci atribuiu o trabalho industrial, atividade produtiva moderna, e condições para a formação do novo homem; ou seja, o trabalho industrial seria a condição fundamental para alcançar cada vez mais a nova civilização. Com sua racionalidade, com seu ritmo e com sua dinâmica, o trabalho industrial foi colocado por Gramsci como transformador da sociedade, em geral, pois, modifica desde os hábitos, os costumes, as necessidades do homem até as instituições da sociedade moderna.

Portanto o trabalho industrial foi colocado como princípio educativo da escola moderna. Com isso, Gramsci propôs a articulação da formação

profissional com a formação humanística. O homem tem que desenvolver de forma integral e harmoniosa todas as atividades que possa realizar.

A proposta educacional de Gramsci, foi colocada no plano de vista teórico objetivando “unificar definitivamente o mundo do trabalho com o mundo da cultura; a ciência produtiva com a ciência humanística; a escola profissionalizante com, a escola desinteressada”.⁸

Assim, a proposta educacional de Gramsci tem um amplo sentido, ou seja, em toda a vida social as relações de trabalho intelectual e industrial são fundamentais para a formação do homem omnilateral.

Através das idéias de Gramsci sobre trabalho-educação é possível fazer considerações sobre a política educacional de Kubitschek tanto no que diz respeito às suas mensagens enfatizando o ensino técnico-profissionalizante, como a respeito da lei 3.552/59 que pretendia abolir a distinção entre escolas propedêuticas e de formação profissional, ao incluir a conjugação: formação geral e prática de modo paralelo e mutuamente abrangente.

Entretanto, não há dúvida que na política educacional de Juscelino Kubitschek predominava a aplicação do trabalho na escola, ou seja, ocupação de recursos humanos para as atividades industriais. Nesse sentido, a política educacional estava de acordo com as estruturas políticas, econômicas e sociais. A questão trabalho/educação na estrutura capitalista é apreendida pela escola no sentido de proporcionar a formação unilateral e não aquela almejada por Marx e, depois, por Gramsci de uma formação integral do homem . Essa formação educacional não oferece o domínio da técnica e da ciência dentro de uma visão global do processo de trabalho, mas tornar o indivíduo mero executor de tarefas. Formação cujo resultado implica fragmentação e parcelamento de tarefas. Isso

⁸ NOSELLA. A escola de Gramsci, p.146.

não demonstra uma qualificação, se considerarmos uma educação que priorizasse a vinculação do trabalho, da ciência e da tecnologia, necessário para o desenvolvimento de formas de conhecimento de produção e relações sociais.

É importante destacar melhor o pensamento de Gramsci quando o autor se refere especificamente a questão escolar.

Gramsci acoplou à sua reflexão sobre a revolução social um ponto fundamental: a questão da escola e, mais propriamente, a questão da construção da Escola Unitária.

O pensamento pedagógico de Gramsci não é pedagogista; sua teorização sobre a construção da Escola Unitária só tem sentido como uma das peças chaves para a efetivação da revolução social. E a revolução social não se restringe a revolução política: ela é mais ampla, compõe um longo processo de mudança no modo de vida das pessoas, mudança na cultura, aquisição de novos níveis para o senso comum, difusão de concepção de mundo superior, e não apenas a alteração do grupo político que segura as rédeas do aparelho governamental.

Entendo, portanto, que a revolução social é em Gramsci, antes de tudo, a socialização de uma nova concepção de mundo - novas formas de sentir, pensar e agir de uma classe social - por toda a sociedade. A escola pública e, necessariamente a Escola Unitária, tem um papel fundamental nesse projeto.

Gramsci partiu então, da constatação de que “todos os homens são intelectuais” e, desta forma coloca de lado as teorias conservadoras que acreditam que os homens são “vocacionados”, uns para o “trabalho manual” e outros para o “trabalho intelectual”. Ele insiste que não há separação entre o homo - faber e homo - sapiens, pois toda atividade física exige, mesmo que minimamente, um pensamento, uma “atenção”. Todavia, não há separação total entre homo - faber e homo - sapiens.

Na afirmação de Gramsci

“O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda vida social. O princípio unitário, por isso, refletir - se - a em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo”⁹

Nesse sentido, Gramsci insiste que a tendência da sociedade capitalista em reservar as “escolas formativas” para as elites e as “escolas profissionais” para os variados estratos de trabalhadores nada tem de democrática. A escola democrática é aquela que coloca, pelo menos potencialmente, todas as pessoas em condições de dirigir a sociedade: no limite, Gramsci visa a indistinção entre governantes e governados (não como um projeto exclusivamente escolar, mais sim como um projeto que se desenvolve no interior da revolução social e do qual a Escola Unitária participa ativamente).

Gramsci como um autêntico filósofo (da práxis) da educação, seu projeto escolar não se desprende de seu projeto social: no plano social - político o homem - trabalhador deve chegar a plasmar-se com o “novo intelectual”, o “dirigente (especialista + político)”que fala pela classe e para a classe no sentido de fazê-la reconhecer suas tarefas históricas maiores; no plano escolar o jovem deve usufruir de um “conformismo dinâmico” e chegar à maturidade com autonomia de pensamento e criatividade, desenvolvidos “omnilateralmente”.

Entendo que a escola Unitária gramsciana é autenticamente pública, e deve funcionar com prédios que venham a ter dormitórios, refeitórios, bibliotecas, etc., no sentido de acolher as crianças e os jovens em tempo integral e colocá-las frente ao professor (que deve estar presente mesmo nas horas de “estudo individual”)

⁹ GRAMSCI. Caderno 12, p.73.

A Escola Unitária reformula métodos didáticos e conteúdos: no plano dos métodos de ensino deve saber “temperar e fecundar a orientação dogmática que não pode deixar de existir” nos primeiros anos escolares: “¹⁰ No que tange aos conteúdos não devem se limitar a alfabetização e a instrumentalização das crianças com os rudimentos de cálculos e as noções básicas de história e geografia, etc., mas deve sim “desenvolver a parte relativa aos “direitos e deveres”, isto é, “as primeiras noções do Estado e da sociedade, como elementos primordiais de uma nova concepção do mundo.”¹¹

A escola unitária segundo Gramsci se organiza como colégio, convida coletiva diurna e noturna coloca os jovens sobre uma disciplina que surge liberta da disciplina hipócrita e mecânica. Além disso, a escola unitária está atenta para a falta de tradição escolar das crianças provindas dos trabalhadores e, assim, desenvolve toda uma rede de auxílio à infância que fazem os meninos adquirirem certa disciplina coletiva e emoções e aptidões escolares.¹²

A escola unitária gramsciana tem o ponto fundamental: a questão do trabalho, ou seja, que o princípio educativo que embasa a escola é o trabalho - trabalho como atividade teórico-prática do homem, que também fundamenta a Escola Unitária.

O trabalho não pode se realizar em todo o seu poder de expansão e de produtividade sem conhecimento exato e realista das leis naturais e sem uma ordem que regulem organicamente a vida recíproca dos homens. Sendo assim o conhecimento realista das leis naturais implica na necessidade escolar das ciências matemática e da natureza ¹³ Além disso a escola unitária deve fazer

¹⁰ GRAMSCI, Caderno 12, p 68

¹¹ Cf. GRAMSCI. Caderno 12,p 68

¹² Cf. GRAMSCI. Caderno 12, p.70.

¹³ Cf. GRAMSCI. Caderno 12, p.77.

compreender que a lei civil e estatal organiza os homens de um modo historicamente mais adequado a dominação das leis da natureza, isto é, a tornar mais fácil o seu trabalho, que é a forma própria que através da qual o homem participa ativamente na vida da natureza, visando transformá-la e socializá-la cada vez mais profunda e extensamente.¹⁴ E a Escola Unitária ao tornar isso compreensivo colabora para que de fato isso se efetive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em determinado momento histórico e social a formação de mão de obra para atuação no mercado apareceu, de acordo, com as necessidades e mudanças do processo produtivo. Se o mercado necessitou de profissionais, de especialistas, foram criadas as escolas voltadas para uma formação técnica-profissional. Esse tipo de sistema escolar: para cada classe social, um tipo de ensino ou melhor, para alguns o exercício da atividade intelectual e à outros a tarefa de atividade prática e técnica foi ao encontro a uma concepção de educação e de sociedade.

Porém, com o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade contemporânea necessita-se que todos tenham compreensão do processo das tarefas que vão realizar. É preciso que o indivíduo tenha conhecimentos, compreensão e raciocínio para saber atuar e decidir. A cada um é fundamental desempenhar as suas funções com a máxima competência, prática e intelectualmente. Não cabe mais uma escola oferecer uma formação fragmentada: técnica de um lado e teórica de outro, vinculada aos propósitos da divisão social e técnica do trabalho.

Ao longo deste texto, para Marx e Gramsci a formação integral do

¹⁴ Cf. GRAMSCI. Caderno 12, p.77

homem é a base para oferecer o domínio da técnica e da ciência dentro de uma visão global do processo de trabalho.

Assim, é imprescindível pensar e buscar uma educação que prioriza a vinculação do trabalho, da ciência e da tecnologia, necessário para o desenvolvimento de novas formas de conhecimento, produção e relações sociais.

BIBLIOGRAFIAS

BENEVIDES, Maria Victória de M. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

BAER, Werner. **A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil.** Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1966.

CARDOSO, Mirian Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK – JQ.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci.** Porto Alegre : L& P, 1981.

CUNHA, Luis Antonio. **A Universidade crítica.** Rio de Janeiro : F. Alves, 1883.

CUNHA, Luis Antonio. **Política educacional no Brasil: A profissionalização no ensino médio**

GRAMSCI, A. **Caderno 12.** Apresentação Paolo Nosella. São Paulo : Universidade Federal de São Carlos, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômica-social e capitalista.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

_____. **Educação e a crise do capitalismo real.** São Paulo : Cortez, 1995.

GOMES, C. M. et alli. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador.** São Paulo : Cortez, 1987

IANNI, Octávio. **A ditadura do grande capital.** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1981.

_____. **Estado e planejamento econômico no Brasil.** Rio de Janeiro :

Civilização Brasileira, 1991

_____. **O colapso do populismo no Brasil.** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1975.

KOSÍK, KAREL. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.

KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA, J. **Diretrizes gerais do plano nacional de desenvolvimento.** Belo Horizonte : Livraria Oscar Nicolai, 1955.

MANACORDA, Mario Alighieiro. **Marx e a pedagogia moderna.** São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1991.

MARANHÃO. Ricardo. **O Governo de Juscelino Kubitschek.** São Paulo : Brasiliense, 1981.

MARX, K. **O capital:** crítica da economia política, cap.V - Processo de Trabalho e Processo de produzir mais valia. v.1, livro I, Rio de Janeiro : Editora Bertrand Brasil, 1994.

___ **Contribuição à Crítica da Economia Política.** IN: MARX E ENGELS. **Obras**

Escolhidas, v.1, São Paulo : Editora Alfa- Omega. 1981.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, saber, produção em Marx e Engels.** São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1990.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** Porto Alegre : Artes Médica Sul, 1992.

SHULTZ, Theodore, W. **O capital humano investimento em educação e pesquisa.** Rio de Janeiro : Zahar Editora, 1973.

_____. **O valor econômico da educação.** Rio de Janeiro : Zahar, 1967.

WEFFORT, Francisco Corrêa. Educação e política. In: FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo : Paz e Terra, 1976.

_____. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1980.

XAVIER, M.E.S.P. **Capitalismo e Escola no Brasil; a contribuição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961).** Campinas, S.P : Papyrus, 1990.

